



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE ECONOMIA  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS**

**SAMMUEL DE SOUZA SANTOS**

**MERCADO DA FÉ: UMA ANÁLISE DAS CONVERGÊNCIAS  
ENTRE O NEOLIBERALISMO E A TEOLOGIA DA  
PROSPERIDADE NO BRASIL**

**Salvador**

**2025**

**SAMMUEL DE SOUZA SANTOS**

**MERCADO DA FÉ: UMA ANÁLISE DAS CONVERGÊNCIAS  
ENTRE O NEOLIBERALISMO E A TEOLOGIA DA  
PROSPERIDADE NO BRASIL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal da Bahia como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Ciências Econômicas.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Elizabeth Moura Germano Oliveira.

**Salvador  
2025**

Ficha catalográfica elaborada por Valdinea Veloso Conceição CRB5-1092

S231	Santos, Sammuel de Souza Mercado da fé: uma análise das convergências entre o Neoliberalismo e a teologia da prosperidade no Brasil / Sammuel de Souza Santos. – Salvador: 2025  44f.  Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Econômicas) Faculdade de Economia, Universidade Federal da Bahia, 2025  Orientador: Prof <sup>a</sup> . Dr <sup>a</sup> Elizabeth Moura Germano Oliveira  1. Teologia da prosperidade 2. Neoliberalismo 3. Economia  Religião. I. Oliveira, Elizabeth Moura Germano II. Título III. Universidade Federal da Bahia
------	--

CDD 261

# MERCADO DA FÉ: UMA ANÁLISE DAS CONVERGÊNCIAS ENTRE O NEOLIBERALISMO E A TEOLOGIA DA PROSPERIDADE NO BRASIL

Trabalho de conclusão no curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal da Bahia como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Ciências Econômicas.

Aprovado em 11 de fevereiro de 2025.

## BANCA EXAMINADORA



Documento assinado digitalmente  
ELIZABETH MOURA GERMANO OLIVEIRA  
Data: 13/02/2025 09:51:49-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Orientadora: \_\_\_\_\_

Profa. Dra. Elizabeth Moura Germano Oliveira  
Faculdade de Economia (UFBA)



Documento assinado digitalmente  
VINICIUS FERREIRA LINS  
Data: 11/02/2025 18:16:28-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dr. Vinícius Ferreira Lins Doutor em Economia  
(PPGE/UFBA)



Documento assinado digitalmente  
PRISCILA CESPEDE CUPELLO  
Data: 11/02/2025 16:51:14-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dra. Priscila Céspedes Cupello  
Pós-doutoranda no Programa de Pós-Graduação  
Lógica e Metafísica (PPGLM/UFRJ) Prof.<sup>a</sup> CEFET/RJ

## **AGRADECIMENTOS**

A conclusão deste trabalho de conclusão de curso representa o resultado de uma jornada de aprendizado, desafios e crescimento pessoal e profissional. Gostaria de expressar minha gratidão a todos que, de alguma forma, contribuíram para essa conquista.

Primeiramente, agradeço a Jesus, por me conceder força, saúde e sabedoria para enfrentar os desafios ao longo desta jornada. Sem a presença de Deus em minha vida, esta conquista não seria possível.

Aos meus pais, minha mãe, Joseneide de Souza Santos, e meu pai, Pr. Roudinelio Ferreira dos Santos que sempre estiveram ao meu lado, oferecendo apoio incondicional e acreditando em meu potencial, mesmo nos momentos mais desafiadores. Seu carinho e suporte foram fundamentais para que eu chegasse até aqui.

A todos os professores da faculdade, minha mais sincera gratidão pela dedicação, paciência e pelos valiosos conhecimentos compartilhados ao longo desta caminhada acadêmica. De forma especial, agradeço à minha orientadora, Prof<sup>a</sup>. Dra. Elizabeth Moura Germano Oliveira, pelo seu apoio durante o desenvolvimento deste trabalho. Sua experiência, paciência e conselhos foram indispensáveis para que este projeto se tornasse uma realidade. Obrigado.

Aos colegas de curso, pela parceria, amizade e troca de experiências durante essa jornada. O convívio com vocês tornou esta etapa muito mais enriquecedora e leve. A todos os amigos que, de perto ou de longe, sempre torceram por mim, meu sincero agradecimento por cada palavra de incentivo e gesto de apoio.

Este trabalho é dedicado a todos vocês, que fizeram parte dessa trajetória.

## RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso analisa a relação entre neoliberalismo e teologia da prosperidade, sendo este último um fenômeno religioso que emergiu nos Estados Unidos e se expandiu no Brasil a partir da década de 1970. O objetivo central do estudo é identificar as afinidades entre a teologia da prosperidade e a racionalidade neoliberal, investigando suas intersecções históricas, comportamentais, culturais e racionais. A pesquisa revela como a teologia da prosperidade não se limita a dogmas religiosos, mas se entrelaça com práticas sociais, políticas e econômicas, moldando subjetividades e comportamentos em um contexto de crise social e econômica. As conclusões apontam para o surgimento de novas denominações neopentecostais com discursos empresariais, a concorrência religiosa, o incentivo ao empreendedorismo e a promoção do consumo. O estudo destaca a importância de compreender essas dinâmicas, pois tanto a teologia da prosperidade quanto o neoliberalismo perpetuam normas de conduta que enfatizam a responsabilização individual, esvaziando a solidariedade social e reforçando a lógica de que o sucesso ou fracasso é resultado da fé e do esforço pessoal. A metodologia adotada é uma análise de conteúdo com base em autores relevantes, contribuindo para um entendimento mais profundo das implicações dessa intersecção no desenvolvimento capitalista brasileiro.

Palavras-chave: teologia da prosperidade; neoliberalismo; neopentecostalismo; responsabilização; individualismo.

## **ABSTRACT**

The present undergraduate thesis analyzes the relationship between neoliberalism and the prosperity theology, the latter being a religious phenomenon that emerged in the United States and expanded in Brazil from the 1970s onward. The central objective of the study is to identify the affinities between prosperity theology and neoliberal rationality, investigating their historical, behavioral, cultural, and ideological intersections. The research reveals how prosperity theology is not limited to religious dogma but intertwines with social, political, and economic practices, shaping subjectivities and behaviors in a context of social and economic crisis. The findings point to the emergence of new neo-Pentecostal denominations with corporate discourses, religious competition, the encouragement of entrepreneurship, and the promotion of consumerism. The study highlights the importance of understanding these dynamics, as both prosperity theology and neoliberalism perpetuate behavioral norms that emphasize individual responsibility, eroding social solidarity and reinforcing the logic that success or failure is the result of faith and personal effort. The methodology adopted is content analysis based on relevant authors, contributing to a deeper understanding of the implications of this intersection in Brazilian capitalist development.

Keywords: prosperity theology; neoliberalism; neo-Pentecostalism; accountability; individualism.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>4</b>
<b>2</b>	<b>NEOLIBERALISMO</b>	<b>8</b>
2.1	RACIONALIDADE NEOLIBERAL: O SUJEITO COMO EMPRESA DE SI	8
2.2	CONSUMO E IDENTIDADE NO NEOLIBERALISMO	14
2.3	INTERNALIZAÇÃO DE NORMAS DE CONDUTA	20
<b>3.</b>	<b>TEOLOGIA DA PROSPERIDADE</b>	<b>24</b>
3.1	CONCEITO E ORIGENS DA TEOLOGIA DA PROSPERIDADE	24
3.2	HISTÓRIA E DESENVOLVIMENTO NO CONTEXTO BRASILEIRO	27
3.3	ASPECTOS COMPORTAMENTAIS, CULTURAIS E RACIONAIS	31
<b>4.</b>	<b>CONCLUSÃO</b>	<b>37</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>42</b>



## 1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, a Teologia da Prosperidade emergiu como um fenômeno religioso de grande impacto social e cultural, especialmente no contexto das igrejas neopentecostais, e tem ganhado destaque nas discussões sobre a intersecção entre fé e economia. Essa abordagem encontrou terreno fértil em países com desigualdades profundas, como o Brasil, pois a busca por uma espiritualidade que não apenas promova a salvação, mas que também ofereça recompensas tangíveis na vida terrena é uma demanda das pessoas mais desfavorecidas e as transformações econômicas e culturais marcadas pela ascensão da racionalidade neoliberal promoveu o crescimento das igrejas neopentecostais, uma vez que o estado diminuiu sua responsabilidade com o desenvolvimento humano e bem estar social, a igreja ofereceu uma solução simples, a fé. Antes de tudo, a ascensão dessa teologia está intimamente interligada ao contexto de incerteza econômica da época, visto que a mensagem preconizada propõe que a fé em Deus pode resultar em realização de seus desejos e superação de suas dificuldades, seja financeira, emocional ou de qualquer outra natureza, refletindo as aspirações de uma sociedade que valoriza o individualismo e a realização pessoal.

O surgimento da teologia da prosperidade pode ser atribuído a uma combinação de fatores, incluindo a influência do capitalismo, a cultura do consumismo e a crescente individualização da fé num contexto em que o sonho americano e a ascensão social eram ideias amplamente promovidas, e suas ideias começaram a ganhar força no meio do século XX com líderes religiosos como Oral Roberts e Kenneth Hagin disseminando a ideia da confissão positiva. Resumidamente, a teologia da prosperidade é uma corrente que prega a prosperidade material, saúde e sucesso como recompensa ou evidência da benção de Deus pela fé acompanhada por atitudes e práticas específicas, por exemplo o dízimo e a sementeira financeira, do cristão. Dado isso, esse discurso encontrou um ambiente receptivo em sociedades desiguais, urbanizadas e capitalistas, incluindo o Brasil, onde encontrou terreno fértil para o seu crescimento, cuja relação entre esforço pessoal, sucesso material e mérito já era amplamente celebrado. No contexto brasileiro, a teologia da prosperidade ganhou

destaque com o crescimento do neopentecostalismo<sup>1</sup> nas décadas de 1970 e 1980, liderado por Igrejas como Universal do Reino de Deus e Internacional da Graça de Deus que adaptaram suas doutrinas às realidades locais, incorporando uma narrativa que relaciona a superação de dificuldades econômicas e sociais com a prática de doações e a fé ativa.

A intersecção entre a teologia da prosperidade e o neoliberalismo é mais do que circunstancial ou coincidência, pois esse cruzamento apresenta aspectos que permite interpretar uma possível aproximação entre suas racionalidades. Só para ilustrar, o neoliberalismo transmite a ideia do indivíduo como responsável por seu sucesso ou fracasso, sendo estimulado a agir como capital humano, sempre investindo em si mesmo para maximizar seu desempenho e valor de mercado. De maneira similar, a teologia da prosperidade ensina que as bençãos de Deus estão condicionadas a fé ativa, que exige empenho constante e demonstrações práticas de dedicação, como contribuições financeiras regulares. Portanto, tanto a racionalidade neoliberal quanto a teologia da prosperidade promovem uma visão de mundo que valoriza o esforço individual, a ideia que o progresso é resultado de mérito pessoal e da capacidade de gestão própria.

Certamente as igrejas neopentecostais não adotam a teologia da prosperidade apenas como um discurso de natureza teológica com intuito de explicar como Deus opera maravilhas em favor seus filhos, mas utilizam como uma estratégia de engajamento e expansão. Seguindo essa lógica, em um mundo marcado por incertezas econômicas e sociais, a promessa de prosperidade material, saúde ou sucesso em qualquer outra área, oferece aos fieis uma perspectiva de controle sobre seu destino, preenchendo lacunas que as políticas públicas ou instituições tradicionais não conseguem atender, seja por negligência ou incapacidade. Além disso, o modelo organizacional das igrejas neopentecostais está alinhado com a racionalidade

---

<sup>1</sup> Neopentecostalismo, como o próprio nome implica, é uma variedade de Pentecostalismo, uma forma de Cristianismo que enfatiza a Terceira Pessoa da Trindade, o Espírito Santo, como se pode ver em manifestações miraculosas como o batismo em espírito, cura física e comportamento de êxtase, como falar em línguas e semelhantes, em suas origens no movimento carismático que começou na Igreja Católica durante os anos 60. Embora muitas de suas crenças e práticas sejam similares, católicos cheios de espírito são geralmente conhecidos como carismáticos, enquanto protestantes são pentecostais ou neopentecostais. Difere do tradicional Pentecostalismo principalmente em sua ênfase no mundo temporal (Burnett, 2011, p.3).

neoliberal, pois elas operam como redes de gestão eficiente, investem em estratégia de marketing e utilizam métricas de crescimento baseadas em resultados concretos, como por exemplo números de fiéis e arrecadação financeira.

O tema desse TCC tem ganhado destaque nos debates acadêmicos, teológicos e sociais por causa da sua relevância para compreender as transformações culturais e econômicas que moldam as subjetividades e as práticas sociais do mundo contemporâneo. Sem dúvidas, com a crescente influência das igrejas neopentecostais em países como o Brasil, a teologia da prosperidade não é apenas uma questão de dogmas religiosos, mas um fenômeno que afeta todos aspectos da sociedade como a política, a economia e a vida cotidiana. Da mesma forma, os impactos na desigualdade social, na precarização do trabalho e na saúde mental contribuíram para o aumento das críticas ao neoliberalismo. É nesse contexto, que as intersecções entre a teologia da prosperidade e a racionalidade neoliberal emergem como um campo fértil para investigação, principalmente por ambas compartilharem a capacidade de moldar subjetividades e comportamentos em um contexto de crise social e econômica. Assim, a relevância dessa monografia está em analisar como essas duas forças, uma teológica e outra econômica, colaboram para reforçar normas de conduta que perpetuam a responsabilização individual e o esvaziamento da solidariedade social, pois, enquanto o neoliberalismo transforma as pessoas em uma espécie de empresa, a teologia da prosperidade adiciona uma dimensão espiritual a esse projeto, atribuindo a responsabilidade por conquistas ou fracassos na qualidade da fé individual.

A análise de conteúdo para explorar as conexões entre a teologia da prosperidade e a racionalidade neoliberal é a metodologia adotada por este trabalho, com base em autores como Pierre Dardot, Cristian Laval, Wendy Brown e Melinda Cooper para explorar o funcionamento do neoliberalismo e alguns autores como Paulo Romeiro e Ricardo Mariano, dentre outros, explicando sobre o neopentecostalismo. Tais referências tornam possível compreender as afinidades entre esses dois fenômenos, tanto no nível discursivo quanto em suas implicações sociais e ideológicas. Para isso, a pesquisa revisa textos acadêmicos, livros, revistas, jornais e análises sobre o tema, contextualizando suas implicações para a subjetividade e para a sociedade em geral. De tal forma que responda à pergunta central deste trabalho: quais são as afinidades

na norma de conduta dos indivíduos entre a racionalidade neoliberal e a teologia da prosperidade?

Compreender essas conexões é fundamental para desvendar como discursos econômicos e religiosos se combinam para oferecer soluções aparentemente individuais a problemas estruturais, reforçando a lógica de responsabilização pessoal e minando alternativas coletivas. Portanto, este estudo contribui para uma análise desse processo, apontando suas implicações para a vida social e cultural em tempos de crise e transformação. Para isso, o texto foi dividido em dois capítulos com três subcapítulos cada, além da conclusão. O primeiro explica a racionalidade neoliberal e seus efeitos nas normas de conduta dos indivíduos. O segundo capítulo tem o objetivo de descrever a teologia da prosperidade. Por fim, a conclusão demonstra as compatibilidades dos discursos e condutas dos indivíduos entre as duas vertentes.

## 2 NEOLIBERALISMO

### 2.1 RACIONALIDADE NEOLIBERAL: O SUJEITO COMO EMPRESA DE SI

Para Dardot e Laval, o neoliberalismo transcende a mera implementação de políticas econômicas. Poderíamos dizer, com base nos autores Dardot e Laval, que o neoliberalismo antes de tudo é uma nova racionalidade que redefine conceitos básicos como liberdade, responsabilidade e autonomia se manifestando em diversas esferas da vida, desde a educação até a saúde, passando pelas relações de trabalho e pelas interações sociais.

antes de ser uma ideologia ou uma política econômica, é em primeiro lugar e fundamentalmente uma racionalidade e, como tal, tende a estruturar e organizar não apenas a ação dos governantes, mas até a própria conduta dos governados (Dardot; Laval, 2016, p.15).

Nesse contexto, a proposta da racionalidade neoliberal é a de expandir o mercado e suas lógicas para todas as esferas. No caso do indivíduo, a lógica neoliberal impulsiona a ideia de que ele deve se comportar como uma "empresa de si mesmo", internalizando a lógica de mercado como um imperativo moral e ético, impondo novos princípios e

esses princípios tornam-se princípios de realidade que saturam e governam cada esfera da existência e reorientam o próprio homo economicus, transformando-o de um sujeito da troca e da satisfação de necessidades (liberalismo clássico) em um sujeito da competição e do aprimoramento do capital humano(neoliberalismo) (Brown, 2019, p. 31).

Contudo, essa racionalidade também se reflete no Estado, que se transforma em uma espécie de "empresa", priorizando a economia de gastos e a gestão eficiente dos recursos, com foco em resultados financeiros. Além disso, a lógica neoliberal se infiltra nas organizações multilaterais e nas dinâmicas de subjetividade, moldando tanto as estruturas de poder e governança quanto a maneira como os indivíduos se percebem e se posicionam no mercado.

Ao se expandir, o neoliberalismo influencia diretamente o comportamento e as decisões individuais, alterando a forma como nos relacionamos com os outros e

conosco mesmos, refletindo uma transformação nas relações sociais, como destacam Dardot e Laval ao mencionar que essa lógica não “destrói apenas regras, instituições, direitos. Ele também produz certos tipos de relações sociais, certas maneiras de viver, certas subjetividades” (Dardot; Laval, 2016, p.14). Portanto, essa racionalidade molda profundamente a existência humana, determinando como os indivíduos devem se comportar, resultando a ideia de liberdade como a capacidade de cada um gerenciar a própria vida, seus riscos, potencialidades e fracassos, e a sociedade passa a ser organizada sob a lógica da competição generalizada. Além disso, o neoliberalismo expande a lógica de mercado para todas as esferas da vida, incluindo o Estado, a religião, a educação e outras instituições públicas e privadas, inserindo nelas a lógica da concorrência, mesmo quando não há mercadorias ou mercados diretamente envolvidos. Dessa forma, cada indivíduo é incentivado adotar práticas de autoaperfeiçoamento com o objetivo de buscar incessantemente por qualificações que ampliem suas competências e recursos pessoais, seja ele social, cultural ou econômico, pois, agora, o próprio indivíduo é considerado um empreendimento. Logo, podemos dizer que o neoliberalismo é uma lógica que permeia todos os aspectos da vida social, transformando o modo como as pessoas se veem e se relacionam com o mundo, implicando em mudanças na própria identidade e no comportamento dos indivíduos, “isto é, a forma como somos levados a nos comportar, a nos relacionar com os outros e com nós mesmos” (Dardot; Laval, 2016, p.14).

A noção de "sujeito como empresa de si" implica que as pessoas são incentivadas a gerenciar suas vidas com a mesma lógica que uma empresa gerencia seus recursos,

A noção de “empresa de si mesmo” supõe uma “integração da vida pessoal e profissional”, uma gestão familiar do portfólio de atividades, uma mudança da relação com o tempo, que não é mais determinada pelo contrato salarial, mas por projetos que são levados a cabo com diversos empregadores. E isso vai muito além do mundo profissional; trata-se de uma ética pessoal em tempos de incerteza” (Dardot; Laval, 2016, p.330).

Sendo assim, a gestão pessoal envolve a maximização de resultados, a minimização de riscos e a constante adaptação as exigências do mercado tornando a vida pessoal e profissional em um único projeto de autovalorização, onde o sucesso é medido pela capacidade de se destacar em um ambiente competitivo e acumular capital, enquanto o fracasso é frequentemente atribuído a incapacidade de se adaptar e competir, “isso

significa que cada indivíduo deve aprender a ser um sujeito “ativo” e “autônomo” na e pela ação que ele deve operar sobre si mesmo” (Dardot; Laval, 2016, p.331). Desse modo, a noção de autogestão e a individualidade transforma a pessoa como o único responsável por seu sucesso ou fracasso, promovendo uma espécie de responsabilização total, que minimiza o papel das estruturas sociais, econômicas e do estado nos destinos individuais, em um esforço para enfraquecer a solidariedade e a coletividade. Essa mentalidade também é disseminada pelo Estado como explica Andrade (2019, p.10)

O Estado, ao difundir situações de concorrência, conduz indiretamente os indivíduos a se conduzirem como empreendedores de si mesmos. A empresa é alçada a modelo de subjetivação, sendo cada indivíduo um capital a ser gerido e valorizado conforme as demandas do mercado.

Essa racionalidade está impregnada de valores e pressupostos que influenciam profundamente a maneira como os indivíduos se relacionam com o mundo ao seu redor. Sendo assim essa visão não é neutra. Evidentemente a competição emerge como um valor central que promove uma ideia de que o sucesso e a realização pessoal são alcançados exclusivamente por meio do esforço individual. Logo, essa perspectiva, amplamente disseminada na sociedade contemporânea, molda não apenas as expectativas em relação ao desempenho pessoal, mas também as dinâmicas sociais, religiosas, culturais e as interações entre os indivíduos. Ademais, quando as interações são mediadas por interesses econômicos, as pessoas tendem a se ver mais como concorrentes do que como membros de uma comunidade, desse modo a ênfase na competição, “como norma de conduta” (Dardot; Laval, 2016, p.15), e no individualismo leva a uma desumanização dos relacionamentos sociais minando o potencial para relações colaborativas e de apoio mútuo. Em vez de enxergar outras pessoas, especialmente colegas de trabalho, como aliados em objetivos comuns, há uma tendência a vê-los como rivais ou indicadores de comparação, o que dificulta a construção de vínculos sólidos e como resultado o apoio mútuo e a cooperação perdem valor frente ao foco na performance individual, reduzindo a qualidade das conexões interpessoais. Diante disso, as relações interpessoais se tornam orientadas por uma lógica voltada para resultados, o que pode resultar em um ambiente onde a empatia e a solidariedade são frequentemente sacrificadas em nome da eficiência e da maximização de metas, uma vez que as relações se tornam transações, onde o

valor do outro é medido em termos de sua utilidade ou contribuição para o sucesso individual.

Trata-se do indivíduo competente e competitivo, que procura maximizar seu capital humano em todos os campos, que não procura apenas projetar-se no futuro e calcular ganhos e custos como o velho homem econômico, mas que procura sobretudo trabalhar a si mesmo com o intuito de transformar-se continuamente, aprimorar-se, tornar-se sempre mais eficaz. (Dardot; Laval, 2016, p.327).

A cultura do “ser o melhor” e do “se destacar” estimula as pessoas a verem cada aspecto de suas vidas, do trabalho aos relacionamentos, como arenas de desempenho, onde é preciso estar sempre a frente e em busca de uma excelência inatingível. Nessa circunstância, os indivíduos se autoavaliam incessantemente e se comparam com os demais, essa dinâmica pode ser observada em diversos aspectos da vida, desde o ambiente de trabalho até nas redes sociais, onde a visibilidade e a validação externa se tornam cruciais, como explica Dardot e Laval (2016, p.343)

O indivíduo deve governar-se a partir de dentro por uma racionalização técnica de sua relação consigo mesmo. Ser “empreendedor de si mesmo” significa conseguir ser o instrumento ótimo de seu próprio sucesso social e profissional.

A busca incessante por excelência, impulsionada pela ideia de que o sucesso é resultado do esforço individual, gera uma pressão significativa sobre os indivíduos e qualquer falha é vista como falta de competência. Por consequência, se sentem obrigados a se destacar, a ser os melhores em suas áreas e a alcançar metas cada vez mais ambiciosas. Isso que gera uma pressão gigantesca que pode se manifestar de várias formas, como necessidade do aumento da produtividade do trabalho, de buscar por qualificações adicionais e de constante atualização de habilidades. O resultado é um ciclo vicioso em que a busca por desempenho se torna uma fonte de estresse e depressão<sup>2</sup>. Conforme afirmam Dardot e Laval, “patologias mentais como o estresse têm relação com a individualização da responsabilidade na realização dos objetivos” (Dardot; Laval, 2016, p.353). Certamente, esse julgamento interno severo pode criar uma sensação de alienação, pois as pessoas começam a se perceber como

---

<sup>2</sup> “A depressão é, na verdade, o outro lado do desempenho, uma resposta do sujeito à injunção de se realizar e ser responsável por si mesmo, de se superar cada vez mais na aventura empresarial” (Dardot; Laval, 2016, p.356).



projetos em constante desenvolvimento que jamais atingem um estado pleno, similar a uma corrida sem linha de chegada, onde as conquistas parecem insuficientes e o horizonte do sucesso se distancia à medida que se avança. Além disso, a comparação social intensifica essa pressão já que os indivíduos se veem em um estado de vigilância constante, avaliando o seu progresso em relação aos colegas, amigos e até mesmo estranhos nas redes sociais, levando a sentimentos de inadequação e inferioridade, especialmente quando se observa que outros parecem ter mais sucesso ou felicidade gerando uma insatisfação crônica, onde as conquistas pessoais são desvalorizadas em comparação com os demais, por isso “o “fracasso social” é visto, em última instância, como uma patologia”(Dardot; Laval, 2016, p.357).

Na esfera das políticas públicas, a racionalidade neoliberal tende a priorizar soluções de mercado para problemas sociais, promovendo um esforço deliberado para posicionar o mercado como a solução mais eficaz para essas questões. Para isso, a racionalidade neoliberal é internalizada por funcionários públicos, moldando as decisões governamentais de maneira a transformar o Estado em uma espécie de empresa. Nesse contexto, longe de reduzir a intervenção estatal, o neoliberalismo promove uma intervenção do Estado direcionada a garantir as condições necessárias para o funcionamento do mercado, demonstrando que o mercado, por si só, não opera sem o apoio estatal, isto é

Se admitirmos que sempre há “intervenção”, esta é unicamente no sentido de uma ação pela qual o Estado mina os alicerces de sua própria existência, enfraquecendo a missão do serviço público previamente confiada a ele. “Intervencionismo” exclusivamente negativo, poderíamos dizer, que nada mais é que a face política ativa da preparação da retirada do Estado por ele próprio, portanto, de um anti-intervencionismo como princípio. (Dardot; Laval, 2016, p.13).

Como a racionalidade neoliberal defende que a competição e a lógica de mercado devem ser aplicadas a todas as áreas da vida social, incluindo saúde, educação, cultura, segurança e assistência social isso é refletido em políticas que buscam privatizar os serviços públicos, promover parcerias público-privadas e incentivar a participação do setor privado na oferta de serviços que tradicionalmente eram responsabilidade do Estado. Portanto, a ideia é aumentar a eficiência, reduzir custos e melhorar a qualidade dos serviços ao introduzir lógica de mercado em todas as áreas da esfera pública. Entretanto, ao transferir a responsabilidade para o mercado,

o governo prioriza a eficiência econômica em detrimento da equidade social ficando isento de obrigações em relação a proteção social, o resultado é o aumento de problemas como a pobreza e a exclusão social que são justificados pela suposta meritocracia na competição, desconsiderando as condições estruturais que afetam as oportunidades de cada indivíduo.

Em virtude disso, o neoliberalismo e a direita contemporânea configuram uma relação simbólica que redefine aspectos fundamentais da organização econômica, das subjetividades e das instituições sociais, contribuindo para o fortalecimento das agendas conservadoras da direita. Isso porque ambas as correntes destacam uma falsa ideia de liberdade individual, reforçam o papel central do mercado e promovem a ideia de uma intervenção estatal que, em vez de ser reduzida, é adaptada para facilitar as dinâmicas de mercado, o que reconfigura as relações entre Estado, sociedade e mercado, convertendo o Estado em um facilitador das dinâmicas de mercado e sujeitando o bem-estar social às exigências da eficiência econômica e da lógica competitiva. Nesse sentido, a direita neoliberal não visa reduzir as intervenções estatais, mas sim adaptá-las para reforçar as dinâmicas do mercado, sustentando que o Estado deve agir como facilitador das condições para o funcionamento eficiente dos mercados, favorecendo uma redistribuição regressiva de renda e a redução direitos sociais, o que pode resultar na manutenção do *status quo* e no reforço das desigualdades estruturais.

A direita neoliberal vai além da promoção de valores como a meritocracia, competição e liberdade, mas se entrelaça com questões culturais e familiares. Pois, ao promover a desresponsabilização do Estado em áreas como saúde, educação e assistência social, o neoliberalismo desloca a responsabilidade para o nível familiar e privado. Nesse contexto, a família, que já era vista como a base moral da sociedade, passa a ser encarada também como a unidade econômica responsável por garantir a reprodução social, a educação e o cuidado, perpetuando a lógica conservadora.

A crítica neoliberal do bem-estar social teve uma profunda influência na história subsequente da política social norte-americana e informou tanto os esforços diretos para reviver as leis dos pobres quanto as intervenções muito mais gerais no âmbito da política monetária e fiscal, que em conjunto tiveram o efeito de transferir a responsabilidade econômica para a família. (Cooper, p.62).

Essa convergência não ocorre de forma espontânea, mas é fruto de decisões políticas conscientes e da articulação de interesses econômicos e culturais, e isso resulta em uma ética que não apenas marginaliza, mas também penaliza aqueles que não se encaixam nos moldes da família tradicional. No entanto, o neoliberalismo também aceita outras formas de organização familiar, desde que estejam alinhadas com a lógica de concorrência, a mercantilização e a meritocracia. Ademais, essa relação é construída por meio de alianças estratégicas que buscam reforçar a desregulamentação econômica e a centralização de poder, enquanto promovem valores conservadores que legitimam desigualdades sociais e econômicas. Assim, essa dinâmica, ao integrar diferentes formas de família, camufla a imposição de uma lógica que favorece a competição e o lucro, consolidando um sistema que sustenta e justifica a concentração de poder e privilégios.

No limite,

as formulações neoliberais da liberdade inspiram e legitimam a extrema direita e como a direita mobiliza um discurso de liberdade para justificar suas exclusões e violações às vezes violentas e que visam reassegurar a hegemonia branca, masculina e cristã. E não apenas expandir o poder do capital (Brown, 2019, p.20).

## 2.2 CONSUMO E IDENTIDADE NO NEOLIBERALISMO

O consumo no contexto neoliberal vai muito além de uma simples satisfação de desejos ou necessidades. De fato, há uma transformação significativa na maneira como os indivíduos se relacionam com o ato de consumir transmitindo uma ideia de “você é o que consome”. Sob a racionalidade neoliberal, o consumo se torna uma ferramenta essencial para a autovalorização e a construção da identidade individual, funcionando como uma extensão da lógica da empresa de si mesmo. Nesse sentido, os indivíduos não consomem apenas para atender as necessidades com bens e serviços, mas também para investir em experiências que possam reforçar sua identidade, reforçando e promovendo uma imagem competitiva e bem sucedida perante os outros. Por tanto, o ato de consumir emerge como uma prática central e é visto como estratégia de autovalorização e investimento que devem, idealmente, gerar

um retorno em forma de reconhecimento, oportunidades ou admiração na imagem da empresa de si, onde cada escolha de consumo é carregada de significado e implicações para a identidade do indivíduo, que é moldada e negociada. Ou seja, desde o tipo de roupa que é usada até os lugares frequentados ou cursos realizados, tudo acaba sendo moldado de forma quase automática, sem muita reflexão crítica, impulsionado por um sistema que demanda aceitação imediata e irrefletida, isto é uma prática produtiva que transforma cada ato de consumo em um passo para criação de um perfil que comunica aos outros uma imagem de sucesso, eficiência e capacidade, como se o indivíduo fosse uma empresa, consolidando um valor simbólico e visual.

As identificações com cargos, funções, competências próprias da empresa, assim como a identificação com grupos de consumo, sinais e marcas da moda e da publicidade, funcionam como substituições em relação aos lugares ocupados na família ou ao *status* na cidade. A manipulação dessas identificações pelo aparato econômico faz delas “ideais voláteis do eu, em constante remodelação”. Em outras palavras, a identidade tornou-se um produto consumível (Dardot; Laval, 2016, p.358).

A empresa de si mesmo como *ethos* da autovalorização, conforme discutido por Laval, se intensifica em sociedades marcadas por uma competição acirrada e por expectativas sociais elevadas que gera “um trabalho de racionalização até o mais íntimo do sujeito: uma racionalização do desejo” (Dardot; Laval, 2016, p.327). Nesse cenário, a autovalorização através do consumo promove a ideia de que o sucesso é uma conquista individual, alcançada pelo engajamento no trabalho, pela dedicação constante e pela habilidade de se diferenciar dos demais criando um ambiente onde a competição se torna norma, e os indivíduos são constantemente incentivados a se esforçar para se destacar. Nesse cenário, onde o consumo é uma ferramenta de autovalorização, ao adquirir determinados produtos de marca, experiências exclusivas e estilos de vida de ostentação, os indivíduos devem buscar não apenas satisfazer suas necessidades, mas também construir uma narrativa pessoal que comunica seu *status*, competência e valor com a finalidade de refletir expectativas sociais associadas ao sucesso e a realização pessoal, nesse caso “o que distingue esse sujeito é o próprio processo de aprimoramento que ele realiza sobre si mesmo, levando-o a melhorar incessantemente seus resultados e seus desempenhos” (Dardot; Laval, 2016, p.327). Como resultado, o uso de produtos e serviços de marcas renomadas desempenham um papel crucial nessa dinâmica, pois não são apenas fontes de prazer pessoal, mas também são recursos estratégicos para sinalizar

pertencimento a um grupo social específico e alimentar uma imagem competitiva para se projetar em um *status* desejado. Assim, a aquisição desses bens se torna um símbolo de sucesso e a capacidade de consumir esses produtos é interpretada como um reflexo do valor pessoal do indivíduo, comunicando não só o que são, mas, o que desejam transmitir aos demais, ou seja, uma imagem de competentes, bem-sucedidas, e capazes de acessar o que há de melhor no mercado.

A autovalorização por meio do consumo, característica das sociedades neoliberais, cria a narrativa do sucesso pelo esforço reforçando a ideia de que a ascensão social e o reconhecimento são atingíveis para qualquer um que tenha capacidade e disposição para se esforçar. Do mesmo modo, os estilos de vida cobiçados são promovidos por influenciadores e pela mídia para promover uma comparação que pode levar os indivíduos a copiar os padrões de consumo para alinhar a própria identidade com as expectativas sociais e as ideias de sucesso promovido pela sociedade. Nessa lógica, o consumo vira parte do percurso de realização pessoal e cada item comprado pode ser visto como uma prova do esforço individual e do lugar que o consumidor ocupa na comunidade. Portanto, consumir passa a ser mais que um reflexo de conquistas, é um símbolo de comprometimento e de adesão a um ideal de sucesso que valoriza esforço individualizado e a capacidade de superar obstáculos sociais.

A construção de uma identidade valorizada pelo mercado produz consequências significativas para as relações sociais e para subjetividade do indivíduo, já que a pressão da cultura onde o valor das pessoas é medido pela sua capacidade de consumir, se manter atualizado com as últimas tendências e para adquirir produtos pode levar a um estado de ansiedade e insatisfação. Apesar do esforço para construir uma imagem de sucesso e poder, a ênfase na individualidade e na competição faz com que os indivíduos necessitem cada vez mais do reconhecimento externo para validar essa identidade construída. Em razão disso, as pessoas se sentem obrigadas a gastar além de sua capacidade financeira para buscar constantemente a validação externa que o consumo proporciona e essa dinâmica pode resultar em um ciclo vicioso, na qual a verdadeira satisfação e realização pessoal são sacrificadas em nome de uma identidade construída através do consumo. Dessa forma, produtos e serviços passam a ser peças de uma narrativa que não apenas reafirma o valor

peçoal, mas vincula esse valor a capacidade de se destacar dentro de uma lógica de mercado. Por consequência, gera uma tensão contínua devido a cada nova aquisição demandar uma reafirmação do *status* anteriormente construído, ou até a sua ampliação, desencadeando um ciclo de consumo e autovalorização que não satisfaz de forma permanente, já que o próprio sistema capitalista tende a criar constantemente novas necessidades, mantendo o indivíduo em uma busca incessante e insaciável por mais, sem que haja um ponto de verdadeira satisfação. Além disso, esse processo pode ampliar a desigualdades sociais, uma vez que nem todos possuem acesso aos mesmos recursos para participar dessa corrida por *status* e reconhecimento, e levar a um endividamento excessivo.

O neoliberalismo transformou profundamente a relação entre Estado e mercado, criando condições favoráveis para o endividamento das famílias para financiar áreas como educação e saúde. Melinda Cooper discute como economistas como Gary Becker e Milton Friedman enfatizaram a importância do investimento em capital humano, que é visto como um ativo que gera retornos econômicos e “deveria ser responsabilidade da família, auxiliado e incentivado pelos mercados de crédito privados, não pelo Estado” (Cooper, p.65). Nesse contexto, o papel da família tornou-se central, com os pais frequentemente assumindo a posição de fiadores, principalmente das dívidas estudantis. Além disso, influenciou significativamente a liberalização dos mercados financeiros ao promover a redução do investimento público e a expansão dos mercados de crédito privados para preencher essa lacuna, mas

As figuras centrais do neoliberalismo norte-americano não podem, naturalmente, ser responsabilizadas pela enorme liberalização dos mercados financeiros que ocorreu a partir dos anos de 1980. Mas elas foram certamente algumas das primeiras a defender o déficit privado em detrimento do déficit público como forma de financiar o investimento em “capital humano”, e as primeiras a reivindicar o subsídio dos mercados de crédito privados como forma de satisfazer os desejos da minoria desencadeados pela revolução social dos anos de 1960 (Cooper, p.76).

O conceito de capital humano “como princípio decifrador dos comportamentos e das relações” (Andrade, 2019, p.10) ganha uma nova dimensão para o indivíduo sob a racionalidade neoliberal, pois é “um capital que ele precisa acumular por escolhas esclarecidas, amadurecidas por um cálculo responsável de custos e benefícios”

(Dardot; Laval, 2016, p.339), que o torna fundamental para entender as dinâmicas contemporâneas de autovalorização e consumo “produtivo”. Tendo em vista, a ênfase da importância do indivíduo como agente autônomo e responsável por seu próprio sucesso, a valorização das competências pessoais deixa de ser um simples ato de investimento individual e se torna um requisito para a autovalorização e a competitividade no mercado, incentivando o consumo de bens e serviços que promovem o desenvolvimento pessoal e profissional, como educação, saúde e aprimoramento de habilidades. Em vez da educação e da saúde serem considerados direitos fundamentais e necessário para todos os cidadãos, a lógica neoliberal redefine esses setores como áreas de investimentos estratégicos onde cada sujeito é responsável por aprimorar regularmente suas habilidades e conhecimentos a fim de se manter atraente em um ambiente cada vez mais exigente e instável. Nesse sentido, cursar faculdade, fazer uma pós-graduação ou se especializar numa determinada área é mais do que ganhar conhecimento; é um meio de adquirir as competências necessárias para se diferenciar e sobressair como produto para atender as demandas de um ambiente cada vez mais saturado. Enquanto a busca por diplomas e certificações, incentivada como forma de aumentar habilidades e qualidades valorizadas socialmente, representa um consumo de bens que asseguram visibilidade e reconhecimento, conseqüentemente elevando o valor de mercado, as instituições de ensino se posicionam como fornecedoras de valor, oferecendo programas que prometem não apenas conhecimento, mas também a possibilidade de ascensão social e profissional. Todavia, essa visão de ativo também contempla a saúde, tradicionalmente vista como uma área de cuidado pessoal, passa a ser uma responsabilidade individual e se manter saudável não é mais apenas uma questão de bem-estar, mas uma obrigação para aqueles que desejam se mostrar produtivos e eficientes. Por isso, o consumo de serviços de saúde como academias, dietas, suplementos vitamínicos passa a ser visto como um investimento que eleva o valor da pessoa e garante que o indivíduo esteja apto para competir.

o sujeito neoliberal deve ser previdente em todos os domínios (seguros de todos os tipos), deve fazer escolhas em tudo como se se tratasse de um investimento (“fundo de educação”, “fundo de saúde”, “fundo de aposentadoria”), deve optar de forma racional, dentro de uma ampla gama de ofertas comerciais, ao contratar os serviços mais simples (a hora e a data da viagem que fará de trem, a forma de encaminhamento de sua correspondência, seu acesso à internet, seu fornecimento de gás e eletricidade) (Dardot; Laval, 2016, p.357).

A intersecção entre capital humano e consumo “produtivo” é um ato de autodesenvolvimento que se justifica pela possibilidade de ganhos futuros, como um salário mais alto, uma posição de destaque, ou maior segurança no emprego. Dessa forma, cada investimento em educação ou saúde representa um aumento potencial no valor de mercado do indivíduo, transmitindo uma ideia de que cada pessoa é um capital que precisa ser gerido, aprimorado e explorado da maneira mais eficiente possível gerando uma pressão para que se tornem melhores versões de si mesmos, num processo interminável de autoconstrução e maximização de valor. Por isso, o sujeito “aprenderá por si mesmo a desenvolver “estratégias de vida” para aumentar seu capital humano e valorizá-lo da melhor maneira” (Dardot; Laval, 2016, p.330). Além disso, essa intersecção cria uma internalização da responsabilidade pelo sucesso e pelo fracasso na qual o sujeito se vê compelido a investir incessantemente em si, acreditando que o destino depende exclusivamente de sua capacidade de acumular e agregar valor ao capital próprio. Resultando em uma convicção de falha pessoal, resultado de uma suposta falta de esforço ou investimento insuficiente, em qualquer dificuldade que enfrente no mercado de trabalho, seja desemprego ou estagnação salarial, desencadeando uma carga emocional significativa sobre os indivíduos, despertando sentimento de que precisam consumir mais para ser competitivos e aptos a enfrentar as constantes demandas do mercado.

Para completar, essa lógica de consumo também impacta a forma como as pessoas lidam com o descanso e o lazer, que deixam de ser vistos apenas como momentos de relaxamento e passam a ser incorporados à lógica da otimização e da eficiência. Nesse contexto, o tempo livre se transforma em um recurso a ser explorado para o desenvolvimento pessoal. Conforme menciona Laval “tudo se torna empresa: o trabalho, mas também o consumo e o lazer, já que “se procura tirar deste o máximo de riquezas, utilizá-lo para a realização de si mesmo como maneira de criar” (Dardot; Laval, 2016, p.330). Diante disso, a racionalidade neoliberal incentiva atividades de lazer que possam contribuir para o aumento do seu valor de mercado, como cursos de inglês, esportes que aprimoram a disciplina e o foco, ou atividades culturais que aumentem o seu repertório, estabelecendo uma espécie de lazer produtivo na qual cada momento da vida deve ser rentável e contribuir para o aprimoramento de competências, pois, segundo a lei da eficácia, o sujeito deve “intensificar os esforços



e os resultados e minimizar os gastos inúteis”(Dardot; Laval, 2016, p.321). Consequentemente, essa forma de viver reduz as possibilidades de descansos genuínos, intensificando o ciclo de autovalorização e autossuficiência promovido pelo consumo produtivo.

Por ter pessoas com um poder aquisitivo maior e que podem investir mais em sua educação, saúde e aprimoramento pessoal, construindo um conjunto de habilidades mais valioso perante o mercado e, portanto, mais competitivo, há um reforço nas desigualdades sociais. Em contraste, aqueles que dispõem de menor capacidade de pagamento acabam excluídos ou limitados em sua capacidade de consumir esses bens produtivos, o que reduz suas oportunidades de sucesso e, muitas das vezes, os coloca em posições de desvantagem estrutural. Ademais, esse processo perpetua um ciclo de desigualdade no qual os que já possuem mais recursos e qualificações conseguem investir mais em si mesmo, mantendo e aumentando suas vantagens em relação aos demais. Dessa forma, o próprio mercado, em sua natureza excludente, impede a igualdade de oportunidade para investir em educação, saúde e lazer, enquanto as barreiras econômicas limitam o acesso a esses bens essenciais.

### 2.3 INTERNALIZAÇÃO DE NORMAS DE CONDUTA

Ao redefinir o modo como os indivíduos compreendem e administram suas vidas, incentivados pelo a autogestão e a responsabilização total dos sucessos e fracassos, os neoliberais apresentam a meritocracia<sup>3</sup>, consequência da individualização radical, como um sistema de justiça social, onde as conquistas são vistas como reflexos diretos do esforço e da competência de cada um. A meritocracia, em sua essência, é a ideia de que o sucesso deve ser alcançado com base no mérito individual, ou seja, nas habilidades, esforços e talentos de cada um, e esse conceito se entrelaça profundamente no centro da organização social devido a racionalidade neoliberal, fazendo dela uma norma que regula a conduta individual. Vale ressaltar que essa mentalidade desconsidera as desigualdades estruturais, como condições socioeconômicas, acesso à educação de qualidade e redes de apoio, que podem influenciar as trajetórias individuais, tendo em vista que “todas as formas de crise

---

<sup>3</sup> “a ideia de que o status social e profissional são resultados diretos da inteligência individual, da virtude e do trabalho duro” (Viana; Silva, 2018, p.8).

social sejam percebidas como crises individuais, todas as desigualdades sejam atribuídas a uma responsabilidade individual”(Dardot; Laval, 2016, p.341), tornando a meritocracia uma ferramenta de legitimação da desigualdade social, ao sugerir que todos possuem as mesmas oportunidades de alcançar o sucesso, quando, na realidade, muitos enfrentam barreiras significativas.

Diferentemente do mérito, a meritocracia é uma ideologia neoliberal que exige de cada indivíduo proatividade na construção de seu próprio valor e que se empenhe em demonstrar suas competências. Dessa forma, o mérito, no neoliberalismo, não é apenas um valor, mas um dever moral que o torna a “moeda” com qual o indivíduo se afirmar como merecedor de *status*, reconhecimento e oportunidades, estabelecendo uma relação quase permanente entre o esforço pessoal e o sucesso. Ao passo que esse sistema faz com que as pessoas assumam a responsabilidade completa por suas condições de vida, promovendo uma autocrítica intensa e, muitas vezes, punitiva, provoca uma pressão, pois implica que qualquer desvio do sucesso esperado é interpretado como falta de empenho ou habilidade do próprio indivíduo.

A meritocracia neoliberal criou um ambiente cruel em que cada pessoa é seu próprio embaixador, o único porta-voz do seu próprio produto e corretor de seu próprio trabalho, em um mar de competição infinito. Esse estado de coisas coloca no centro da vida moderna uma forte necessidade de se esforçar, realizar e alcançar, muito mais do que nas gerações anteriores. A ideologia neoliberal reverencia a concorrência, desencoraja a cooperação, promove a ambição e atribui valor pessoal à realização profissional. As sociedades governadas por esses valores tornam as pessoas muito mais críticas com os outros e ansiosas pelo julgamento dos outros (Silva; Viana, 2018, p.8).

Esse sistema social leva a internalização de normas de conduta que condicionam o indivíduo a constantemente se avaliar e a medir seu próprio desempenho por meio de revisão de suas ações, suas metas e seus resultados, comparando com os padrões de excelência do mercado. Nesse cenário, a cultura de metas e de resultados, outrora aplicada somente nas organizações, passa a se estender a todos aspectos da vida pessoal, afetando a maneira como as pessoas se comportam, se relacionam e até se enxergam, resultando em sujeitos críticos de si mesmos, criando uma visão instrumental de suas atividades e de seu próprio valor, calculado com base em realizações e comparações sociais.

Essa norma impõe a cada um de nós que vivamos num universo de competição generalizada, intima os assalariados e as populações a entrar em luta econômica uns contra os outros, ordena as relações sociais segundo o modelo do mercado, obriga a justificar desigualdades cada vez mais profundas, muda até o indivíduo, que é instado a conceber a si mesmo e a comportar-se como uma empresa. (Dardot; Laval, 2016, p.14).

O neoliberalismo parece estabelecer uma norma de autossuperação que faz os indivíduos internalizarem uma percepção de que precisam sempre estar em evolução e em busca de novos marcos de sucesso, como forma de provar seu mérito, o que pode levar a exaustão física e psicológica, pois a pressão para se manter competitivo nunca cessa. Nesse cenário, o fracasso é visto como um sinal de inadequação ou de falta de empenho, essa interpretação se torna tão arraigada que o próprio indivíduo se vê como o único responsável pelo seu destino e passa a se culpar por qualquer insucesso, desconsiderando fatores estruturais ou sociais como determinantes de sua situação. Dessa forma, nesse sistema de autogestão e meritocracia, o peso da responsabilidade exacerbada é uma armadilha que leva a sentimentos de insuficiência, ansiedade e até depressão, pois as pessoas acreditam que qualquer limitação ou dificuldade é fruto da falta de mérito, e não de fatores externos que muitas vezes fogem ao controle do sujeito, portanto “o culto do desempenho leva a maioria das pessoas a provar sua insuficiência e conduz a formas depressivas em grande escala”(Dardot; Laval, 2016, p.356). Além disso, uma vez que os valores meritocráticos permeiam as relações interpessoais, a internalização dessas normas de conduta cria um ambiente de julgamento constante e hierarquização social, pois, aqueles que se destacam são exaltados e considerados exemplos a serem seguidos, enquanto os que ficam atrás são vistos como inferiores ou despreparados. Portanto, esse sistema meritocrático prejudica as relações sociais, em decorrência da visão instrumental das pessoas de que cada um é valorizado pelo que pode oferecer ou pelo quanto agrega ao *status* dos outros.

O impacto na subjetividade ao internalizar a meritocracia é evidenciado quando o indivíduo começa a avaliar sua trajetória de maneira similar ao desempenho de uma empresa. Assim, o valor de uma pessoa passa a ser medido não mais em termos de qualidades ou relações, mas sim pelos resultados que ela consegue apresentar ao mundo, como bens materiais adquiridos ou cargos alcançados. Além disso, a meritocracia transforma o sucesso em um reflexo direto da competência individual,

desencadeando a crença de que cada conquista ou fracasso depende exclusivamente da capacidade do sujeito em superar desafios e de investir estrategicamente em si mesmo, o que reforça a ideia da mentalidade empresarial para a própria vida, enxergando o desenvolvimento pessoal como uma forma de acúmulo de capital que será rentabilizado no mercado social. Então, é criada uma subjetividade moldada pela pressão incessante de melhorar, evoluir e acumular, produzindo uma relação de insatisfação constante, pois todos acreditam que nunca é bom o suficiente e que sempre há algo a ser conquistado ou aperfeiçoado. Isso reforça o ciclo de competição e autoavaliação perpétuo, pois leva a pessoa a comparar o seu próprio desempenho com o desempenho dos outros. Dessa forma, a subjetividade passa a ser marcado pela tensão entre a necessidade de se sentir realizado e a pressão constante em se manter aperfeiçoado, o que leva a um estado de alienação e de descontentamento eterno.

Por fim, a ideia de que tudo na vida é um investimento reflete a lógica neoliberal, que estende os princípios de mercado para todas as esferas. Até mesmo o desenvolvimento pessoal é transformado em um ativo a ser constantemente valorizado, e as relações sociais passam a ser mediadas por dinâmicas de concorrência e acumulação. Nesse cenário, como consumo é um ato de performance, um meio de demonstrar e de provar que o indivíduo está no caminho certo para o sucesso, acentua-se a coisificação das relações sociais e da percepção que o indivíduo tem de si mesmo, pois a pessoa passa a se ver como um produto em majoração. Portanto, essa transformação não só redefine a identidade individual, mas também impõe uma pressão para que os indivíduos se ajustem aos padrões de sucesso do neoliberalismo, criando uma busca incessante pela validação externa, com o valor pessoal sendo medido pela performance e pela adesão a normas de consumo, fazendo com que as relações sociais se tornem transações voltadas para maximizar ganhos sociais e simbólicos, enquanto o desejo de se destacar no mercado e a competição levam o indivíduo a se perceber como um capital em constante aprimoramento e validação no mercado das identidades.

### 3. TEOLOGIA DA PROSPERIDADE

#### 3.1 CONCEITO E ORIGENS DA TEOLOGIA DA PROSPERIDADE

No vasto terreno do pensamento religioso cristão, a teologia da prosperidade surge na ascensão do neoliberalismo como uma das mais controversas e discutidas vertentes. Sua origem, assim como o seu desenvolvimento, é um complexo enigma entrelaçado por fios da história, da fé e da cultura em que a “sociedade moderna multiplica as relações contratuais, não apenas no campo econômico, mas em toda a vida social” (Dardot; Laval, 2016, p.56). O conceito de prosperidade como uma solução para uma ampla gama de problemas, adaptada e diferenciada em vários contextos do vasto cenário religioso brasileiro, é evidente nos cultos afro e no catolicismo popular, tanto historicamente quanto nos dias atuais. Por isso, ao analisar a origem da teologia da prosperidade, é crucial considerar aspectos não apenas espirituais, mas também as influências econômicas, ideológicas e políticas que moldaram a sua evolução.

A origem do movimento foi nos Estados Unidos na década de 1940 com o William Kenyon, por meio da adesão do movimento da confissão positiva. Kenyon foi pastor em várias igrejas tanto pentecostais<sup>4</sup> quanto metodistas. Entretanto, segundo Ricardo Mariano (1996, p.29), Kenyon “inclinou-se aos ensinamentos das “seitas metafísicas” derivados da filosofia do “Novo Pensamento” dando origem ao movimento da fé ou confissão positiva. Esse movimento defende que nossas palavras têm poder espiritual, basta crer e declarar que as coisas acontecem. Em outras palavras, nossas palavras têm impacto sobre nossas experiências e influenciam a intervenção divina em nossas vidas:

Trata-se, como formulou Ricardo Mariano, da crença de que os cristãos detêm poder – prometido nas Escrituras e adquirido pelo sacrifício vicário de Jesus – de trazer à existência, para o bem ou para o mal, o que declaram, decretam, confessam ou determinam com a boca em voz alta. ... Isto é, as palavras proferidas com fé encerram o poder de criar realidades, visto que o mundo espiritual, que determina o que acontece no mundo material, é regido pela palavra. Em suma, as palavras ditas com fé impelem Deus a agir. Tal

---

<sup>4</sup> Igreja que aceita que os dons “mais sobrenaturais” do Espírito Santo podem se manifestar na atualidade. Disponível em: <https://www.respostas.com.br/o-que-e-uma-igreja-pentecostal/> Acesso em: 19 janeiro, 2025.

concepção transforma a tradicional noção da fé cristã (Mariano, 1999, p. 152-153).

A confissão positiva parte do princípio de que todos são filhos de Deus e, portanto, recebem benefícios se declararem coisas positivas para sua vida. Por exemplo dizer “eu sou rico” isso atrai riqueza para sua vida. Em contrapartida, ao se pronunciar coisas negativas, por exemplo “eu sou pobre”, coisas ruins serão atraídas para a sua vida. Como afirma Pierrat (1993, p. 86), “aquilo que confessamos acontecerá, para o bem ou para o mal, pois nossa confissão cria mesmo a realidade”. Nessa perspectiva, o suposto poder da mente sugere que a falta de fé resulta em adversidades como miséria e doença, atribuídas ao pecado. Logo, a fé em Jesus implica a busca pela prosperidade e qualquer sofrimento é interpretado como falta de fé.

Confissão positiva é um título alternativo para a teologia da fórmula da fé ou doutrina da prosperidade promulgada por vários televangelistas contemporâneos, sob a liderança e inspiração de Essek Willian Kenyon. A expressão “confissão positiva” pode ser legitimamente interpretada de várias maneiras. O mais significativo de tudo é que a expressão “confissão positiva” se refere literalmente a trazer à existência o que declaramos com nossa boca, uma vez que a fé é uma confissão (Romeiro, 1993, p.6).

Na década de 1970 que a Teologia da Prosperidade se consolidou como um movimento doutrinário distintivo, em grande parte graças a influência de figuras proeminentes como Kenneth Hagin, Oral Roberts e Kenneth Copeland. Kenneth Hagin, em particular, é considerado uma figura central na popularização e disseminação dessas ideias, através de seus ensinamentos sobre a "Palavra de Fé" e o poder da confissão positiva. A confissão positiva representa um conjunto de práticas e crenças religiosas bastante distinto no contexto protestante, principalmente das igrejas pentecostais, e a sua base teórica e doutrinária encontra-se firmada na interpretação literal de textos bíblicos, como Gênesis 17:7<sup>5</sup>, Marcos 11:23-24<sup>6</sup> e Lucas 11:9-10<sup>7</sup>. Além de usar as histórias de pobres que ascenderam por causa da sua fé em Deus no velho testamento, como a de Abrão e a de Davi. A teologia da

---

<sup>5</sup> “E estabelecerei a minha aliança entre mim e ti e a tua descendência depois de ti em suas gerações, por aliança perpétua, para te ser a ti por Deus, e à tua descendência depois de ti” (Bíblia, 2005, p.16).

<sup>6</sup> “Porque em verdade vos digo que qualquer que disser a este monte: Ergue-te e lança-te no mar, e não duvidar em seu coração, mas crer que se fará aquilo que diz, tudo o que disser lhe será feito. Por isso vos digo que todas as coisas que pedirdes, orando, crede receber, e tê-las-eis” (Bíblia, 2005, p.1088).

<sup>7</sup> “E eu vos digo a vós: Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e achareis; batei, e abrir-se-vos-á; porque qualquer que pede recebe; e quem busca acha; e a quem bate abrir-se-lhe-á” (Bíblia, 2005, p.1118).

prosperidade prega um ensinamento baseado em “cura, prosperidade, e poder da fé” (Mariano, 1999, p.151), uma doutrina religiosa que defende que a benção financeira, espiritual e vida saudável são os desejos de Deus para os fiéis:

A Teologia da Prosperidade parte do princípio de que todos são filhos e filhas de Deus e, portanto, recebem os benefícios dessa filiação em forma de riqueza, livramento de acidentes e catástrofes, ausência de doenças, ausência de problemas, posições de destaque etc. Essa “teologia” oferece fórmulas para fazer o dinheiro render mais, evitar acidentes, livrar-se de doenças e problemas, aumentar as propriedades, além de viver uma vida sem dificuldades (Gabatz, 2012, p.98).

Ao longo das décadas seguintes, a Teologia da Prosperidade se espalhou para diferentes partes do mundo, influenciando não apenas o cristianismo evangélico, mas também outras tradições religiosas e esferas da sociedade. No entanto, ela também tem sido objeto de controvérsia, com críticos argumentando que sua ênfase excessiva na prosperidade material pode desviar a atenção dos aspectos mais espirituais e éticos da religião, além de potencialmente explorar financeiramente os fiéis.

sugere que a TP tem ligação íntima com o esoterismo, uma vez que: A Teologia da Prosperidade prega que o crente pode alterar realidades por meio da palavra proferida com fé. Já o New Thought, fonte de inspiração dessa teologia, promete o mesmo, mas põe o pensamento no lugar da palavra. Essa crença parece estar na raiz de parte da literatura esotérica e de auto-ajuda que invadiu os EUA, a Europa e o Brasil nas últimas décadas. Os livros de Lair Ribeiro, que prometem o paraíso na terra, por meio de “reprogramação neurolinguística”, parecem ter suas técnicas e premissas oriundas no NewThought. (Mariano, 1999, p.153).

Para além da “Ética protestante e o espírito do capitalismo”, onde Weber “argumenta que indivíduos que professam a fé protestante apresentam uma inclinação específica para o racionalismo econômico” (Uhr, Daniel. et al., 2021, p.397), que estimulava o ascetismo<sup>8</sup>, a teologia da prosperidade vem transformando e invertendo os valores do sistema evangélico pentecostal de tal maneira que passou a ser considerado o neopentecostal. Essa mudança se dá no sentido de “ênfase quase que exclusivamente o retorno da fé nesta vida, pouco falando a respeito da principal promessa do cristianismo e, tradicionalmente, do pentecostalismo: a salvação após a morte” (Mariano, 1996, p.32), sendo assim valoriza a fé em Deus como principal meio

---

<sup>8</sup> “Ascese, ascetismo ou ascética é o controle austero e disciplinado do próprio corpo através da evitação metódica do sono, da comida, da bebida, da fala, da gratificação sexual e de outros tantos prazeres deste mundo.” (Weber, 2007, p.279).

para obter o que deseja aqui na terra, seja prosperidade financeira, saúde ou qualquer um dos desejos que o fiel suplicar.

### 3.2 HISTÓRIA E DESENVOLVIMENTO NO CONTEXTO BRASILEIRO

Para compreender plenamente o fenômeno da Teologia da Prosperidade no Brasil, devemos primeiro traçar suas origens até as correntes teológicas e econômicas que influenciaram seu desenvolvimento. Assim, é possível compreender não apenas como essa corrente teológica se enraizou profundamente na sociedade brasileira, mas também como ela se entrelaçou com as transformações econômicas e políticas do país. Por certo, as ideias sobre a busca individual pela riqueza e sucesso material, frutos marcantes do neoliberalismo, são fatores cruciais que influenciaram o desenvolvimento dessa doutrina nas igrejas brasileiras.

As sementes da Teologia da Prosperidade no Brasil foram plantadas no contexto do surgimento e expansão do pentecostalismo no século XX. Como explica Dowyvan Gabriel Gaspar (2006), o desenvolvimento das igrejas pentecostais no Brasil é marcado por três ondas. A primeira começa na década de 1910, com a chegada das primeiras missões pentecostais ao país e a fundação das Igrejas Congregação Cristã do Brasil (1910) e Assembleia de Deus (1911). Nesse momento, o Brasil testemunhou um crescimento rápido desses movimentos religiosos. A segunda onda começou entre os anos 1950 e 1960, quando houve divisões e divergências pastorais e dos membros das igrejas da primeira onda, dando origem três novas grandes denominações: a Igreja do Evangelho Quadrangular, a Igreja Pentecostal o Brasil para Cristo e a Igreja Pentecostal Deus é Amor. A segunda onda foi marcada pelo começo de características peculiares entre as igrejas, por exemplo “a pregação em tendas de lona com a promoção de curas milagrosas, além do uso do rádio” (Gaspar, p.95) e “a eleger personalidades para o cenário político brasileiro” (Gaspar, p.96).

A terceira onda começou na década de 1970 e as igrejas pentecostais fundadas a partir desse período em diante são denominadas neopentecostais, como a Igreja Universal do Reino de Deus (1977) e a Igreja Internacional da Graça de Deus (1988). Foi nessa etapa que a Teologia da Prosperidade começou a florescer de forma mais



proeminente. Na citação abaixo, Mariano (1996, p.26) aponta algumas características das neopentecostais.

Todas apresentam poucos traços de seita, forte tendência de acomodação ao mundo, participam da política partidária e utilizam intensamente a mídia eletrônica. Caracterizam-se por: (1) pregar e difundir a Teologia da Prosperidade, defensora do polêmico e desvirtuado adágio franciscano "é dando que se recebe" e da crença nada franciscana de que o cristão está destinado a ser próspero materialmente, saudável, feliz e vitorioso em todos os seus empreendimentos terrenos; (2) enfatizar a guerra espiritual contra o Diabo, seu séquito de anjos decaídos e seus representantes na terra, identificados com as outras religiões e sobretudo com os cultos afro-brasileiros; (3) não adotar os tradicionais e estereotipados usos e costumes de santidade, que até há pouco figuravam como símbolos de conversão e pertencimento ao pentecostalismo.

Na década de 1970, a teologia da prosperidade começou a ser vista no Brasil, principalmente na Igreja Nova Vida do bispo canadense Robert McAlister, o qual é o responsável por trazer tal interpretação bíblica para os cristãos brasileiros. A partir desse momento, ela penetrou em muitas Igrejas e influenciou muitos pastores, bispos e fiéis. Vale mencionar que o Edir Macedo e o R. R. Soares fizeram parte dessa igreja, absorvendo ensinamentos e experiências para criarem as suas próprias igrejas posteriormente. Outra menção importante na disseminação dessa teologia nas igrejas e na vida dos fiéis foi o lançamento do livro "A Semente da Prosperidade", de David Yonggi Cho, em 1982, influenciando profundamente a forma como muitos entendiam sua relação com Deus e o dinheiro. Nesse período, o Brasil vivenciava um momento de significativas mudanças socioeconômicas, marcadas pela crise do modelo de substituição de importações (MSI), que vigorou de 1930 a 1980. Nos anos 80, o país enfrentou uma grave crise da dívida, inflação alta, estagnação econômica e desemprego elevado. A pobreza, a superexploração da força de trabalho e a precarização das condições de trabalho se intensificaram nesse contexto. Foi nesse cenário de instabilidade econômica que a disseminação da Teologia da Prosperidade ganhou maior força.

O crescimento das Igrejas de denominações pentecostais ocorre, nesse momento, em uma sociedade pautada por imensa desigualdade social, em que a população pobre enfrenta inúmeros problemas como desemprego, falta de segurança, dificuldade de acesso a serviços de saúde e à educação. Nesse quadro de descrença social, a adesão às denominações neopentecostais pode ser explicada, em parte, pelas soluções práticas e imediatas para problemas de ordem financeira do cotidiano e também à modalidade dos cultos com forte teor emocional, nos quais a participação dos fiéis coloca-os em "relação direta com Deus" (Pereira, p.23).

No Brasil, a Teologia da Prosperidade encontrou solo fértil para crescer e florescer devido a uma combinação de fatores. Entre eles, destaca-se o aprofundamento da desigualdade econômica, resultado de um processo de forte concentração de riqueza e da precarização do trabalho. Como o Estado reforça, ao invés de sanar, as vulnerabilidades socioeconômicas da classe trabalhadora, a Igreja encontra um espaço promissor para a disseminação da teologia da prosperidade. Assim, o capitalismo brasileiro proporciona um ambiente favorável para a ampliação do discurso para alcançar o máximo de pessoas que procuram melhoria das condições de vida e de trabalho.

Difícilmente existe um problema conhecido pela humanidade que não esteja incluído nessa lista. A maioria das pessoas, à margem de uma sociedade estranha e capitalista, sentindo-se deslocada e alienada, ficaria curiosa para buscar maiores informações e, conseqüentemente, seria explorada pelos profetas dessa teologia (Alves, p.142).

Nesse contexto, os líderes neopentecostais, que se apresentam como intermediários entre Deus e os fiéis, como Edir Macedo, fundador da Igreja Universal do Reino de Deus, aproveitaram para promover uma mensagem de prosperidade material e sucesso financeiro como parte da vontade divina, ou seja, fornecendo uma sensação de esperança e pertencimento às camadas marginalizadas da sociedade. Além disso, a ascensão da televisão como um meio de comunicação de massa desempenhou um papel crucial na popularização da Teologia da Prosperidade no Brasil, pois, programas religiosos, como os da TV Universal, Show da fé de R.R. Soares e da Rede Mundial de Televisão de Valdemiro Santiago, alcançaram milhões de lares brasileiros, promovendo mensagens de fé e promessas milagres e de prosperidade.

É de se esperar que cada instituição e líder pastoral interprete, adapte e modifique as doutrinas desse "novo evangelho" de maneiras diversas, priorizando certos aspectos em detrimento de outros. Essa seleção pode ocorrer devido à falta de familiaridade, desinteresse, inconsistência lógica ou rejeição de pontos mais polêmicos que desafiem as crenças e princípios bíblicos geralmente aceitos entre os círculos evangélicos cristãos. Por isso, diversas igrejas permitiram a inclusão da confissão positiva a respeito: Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Internacional da Graça de Deus, Renascer em Cristo, Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra, Nova Vida,

Bíblica da Paz, Cristo Salva, Cristo Vive, Ministério Palavra da Fé, Missão Shekinah, dentre outras, e cada uma com características e ênfase em determinado segmento de milagres, seja cura de doenças, prosperidade financeira, exorcismo etc. Entretanto, algumas igrejas se destacaram pela ênfase na prosperidade financeira e no rápido crescimento, quais sejam: a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) e a Igreja Internacional da Graça de Deus (IIGD).

Os pregadores dessas igrejas utilizam um discurso que, à primeira vista, não parece ser ofensivo, como exemplificado por Soares (1985, p.141), que menciona que o "plano de Deus para o homem é torná-lo feliz, abençoado, saudável e próspero em todas as áreas". Contudo, os discursos são mais profundos e afirmam que os crentes adoecidos, infelizes ou miseráveis estão no caminho errado da fé e servem ao Diabo. Essa perspectiva favoreceu o crescimento de mercados onde se oferecem soluções diversas. Sob esse prisma, há uma literatura que trata essas igrejas como empresas com fins lucrativos, mesmo que pela legislação sejam empresas sem fins lucrativos<sup>9</sup>, mudando totalmente o propósito de uma instituição religiosa cristã. Elas exploram um nicho de mercado caracterizado por pessoas desesperadas e que buscam soluções financeiras, emocionais, doenças ou qualquer problema de maneira rápida e sem muito esforço.

A partir dos anos 1990, a Igreja Universal passou a ser tratada por diversos pesquisadores como empresa, geradora de lucros, que comercializa produtos religiosos e explora fiéis. Ricardo Mariano (2008) realizou levantamento acerca destes trabalhos, em que identifica formas de se referir à Igreja pelo seu modelo empresarial de gestão (ORO, 1992), suas estratégias de marketing (FONSECA, 1997; CAMPOS, 1996), sua estruturação como "negócio" (PRANDI, 1996) e "como empresa econômica e a religião como fonte de lucro e enriquecimento pessoal (PIERUCCI apud MARIANO, 2008. p. 72) (Leite, p.42).

No território brasileiro, uma ampla variedade de emissoras de rádio e televisão tem como base o cenário religioso. Independentemente da afiliação religiosa, esses canais seguem uma linha comum: a transmissão de cerimônias religiosas, programas educacionais sobre a fé, conteúdo musical sacro, entrevistas com líderes espirituais,

---

<sup>9</sup> Art. 150. Sem prejuízo de outras garantias asseguradas ao contribuinte, é vedado à União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios: VI - instituir impostos sobre: (Vide Emenda Constitucional nº 3, de 1993) b) entidades religiosas e templos de qualquer culto, inclusive suas organizações assistenciais e beneficentes; (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 132, de 2023).

testemunhos de experiências pessoais de fé e outras formas de expressão semelhantes. No entanto, em todas essas plataformas, há a presença marcante de uma tendência a comercializar a fé, onde valores espirituais são muitas vezes transformados em produtos, serviços ou doações monetárias.

O sucesso da Teologia da Prosperidade no Brasil também levantou questões importantes sobre a ética religiosa e os impactos sociais e econômicos da mercantilização da fé. Diante disso, muitos acadêmicos e líderes religiosos tradicionais questionam sua compatibilidade com os ensinamentos do cristianismo e sua ênfase na riqueza material. Além disso, houve casos de escândalos financeiros envolvendo líderes neopentecostais, o que gerou debates sobre a integridade moral desses líderes e sua interpretação da fé. O caso mais famoso foi a prisão de Edir Macedo<sup>10</sup> acusado de charlatanismo, estelionato e curandeirismo em 24 de maio de 1992, além de serem acusados de abusos de poder e autoridade, fraudes financeiras e lavagem de dinheiro, desvio de recursos da igreja para enriquecimento pessoal.

### 3.3 ASPECTOS COMPORTAMENTAIS, CULTURAIS E RACIONAIS

Esse movimento teológico complexo se baseia em uma série de conceitos interligados, influenciando não apenas as práticas religiosas, mas também os comportamentos financeiros e a visão de mundo de seus seguidores. Apesar de que “não são todos os brasileiros hoje que estão dispostos a confiar em alguém só porque carrega uma Bíblia ou se diz ser evangélico” (Romeiro, 1999, p.11), o neopentecostalismo convence grande parte dos evangélicos a acreditar que a prosperidade é um sinal de bênção divina e, por isso, muitos adotam a sementeira financeira, esperando colher uma abundância de benefícios materiais. Dessa forma, a mentalidade dos fiéis é reforçada por uma cultura que valoriza a realização material como uma demonstração de favor divino, onde a riqueza é vista como um indicador de aceitação por Deus, “apela grandemente para as carências e necessidades do mundo real das pessoas, no qual o sucesso é medido quase que exclusivamente pela

---

<sup>10</sup> A prisão do bispo Macedo. Disponível em: <https://www.universal.org/noticias/post/a-prisao-do-bispo-macedo/> Acesso em: 19 janeiro, 2025.

abundância e pelo consumo, onde pecado e graça são definidos, respectivamente, por pobreza e riqueza” (Burnett, 2011, p.179).

A busca pela ascensão financeira é amplamente considerada uma aspiração legítima e até mesmo uma responsabilidade dos crentes, que são encorajados a buscar riqueza para provar a sua fé e obediência a Deus em uma relação de parceria empresarial. Nessa sociedade, Deus passa a ser sócio do crente e tem obrigações a serem cumpridas. Nessa dinâmica, os fiéis são encorajados a exigir o cumprimento desse acordo, como afirmado por Macedo (1990, p.36,54), “Comece hoje, agora mesmo, a cobrar dele tudo aquilo que Ele tem prometido [...] O ditado popular de que promessa é dívida ‘se aplica também para Deus’”. Cabe aos crentes pagar o dízimo, por isso os pastores tentam “convencer os fiéis da obrigação de pagar o dízimo e dar ofertas ‘com amor e alegria’”, ter fé, confessar e profetizar as bênçãos como “a saúde, prosperidade, felicidade, libertação do Diabo e dos problemas àqueles que corajosamente doarem a maior quantia possível” (Romeiro,1999, p.166). Se as condições contratuais forem seguidas fielmente, Deus é obrigado a cumprir sua parte. Eles são incentivados a semear financeiramente em sua igreja ou ministério, acreditando que serão recompensados com uma colheita abundante de bênçãos materiais, pois, segundo o Bispo Macedo, “Dízimos e Ofertas são tão santos e tão sagrados quanto a Palavra de Deus; tão puros quanto o Senhor Jesus Cristo, já que os mesmos o tipificam no relacionamento Criador e criatura”<sup>11</sup>. Esse comportamento de semeadura e expectativa de retorno financeiro pode moldar significativamente as práticas financeiras individuais, levando a um maior enfoque na doação e no “investimento financeiro’ em busca de retorno material.

Dentro do contexto atual de uma economia mercantil de caráter totalizante neoliberal, o dinheiro assume uma importância crucial dentro das religiões, principalmente a neopentecostal, e tem conseguido se perpetuar como símbolo de fé, sendo considerado não apenas como um meio de satisfazer necessidades materiais, mas também como uma expressão do cuidado e da provisão divina. Dessa forma, acreditam que Deus deseja que seus filhos vivam uma vida de abundância em todas as áreas, incluindo a financeira, e, por isso, “os pregadores neopentecostais

---

<sup>11</sup> Valores da Fé. Disponível em: <https://www.universal.org/bispo-macedo/post/valores-da-fe-2/> Acesso em 19 janeiro, 2025.

manifestam com muita tranquilidade seu interesse por dinheiro” (Romeiro, 1999, p.166). Exemplificando, a Igreja Universal do Reino de Deus vê o dinheiro como uma ferramenta sagrada que desempenha um papel vital na vida daqueles que aceitam a Cristo. A crença é de que o dinheiro é um meio para alcançar bens materiais e para demonstrar fidelidade a Deus, permitindo que Ele conceda ainda mais recursos financeiros. Assim, líderes religiosos da IURD ensinam que não há qualquer pecado ou impedimento divino em acumular capital, desfrutar do dinheiro e dos bens dentro do sistema capitalista em vigor.

O dinheiro é uma ferramenta sagrada usada na obra de Deus. Ele é o dono de todas as coisas, mas nós somos os sócios nos seus empreendimentos. Dessa maneira, o dinheiro, que é humano, deve ser a nossa participação, enquanto que o poder espiritual e os milagres, que são divinos, são a participação de Deus. Em quase todas as nossas concentrações temos ensinado às pessoas que é fácil prosperar quando obedecemos à Palavra de Deus. [...] Para edificarmos prosperamente a nossa vida, temos de obedecer à Palavra de Deus. Se Deus nos manda dar o dízimo, façamos isso e esperemos a resposta. A lei de dar e receber não é apenas uma lei física; é, também, uma lei espiritual. Até o próprio Deus não escapou dessa lei, quando deu o Seu próprio Filho para que pudesse receber as nossas vidas e o nosso louvor (Macedo, 2000, p.52-53).

A gestão financeira é vista como uma parte essencial da prática religiosa, com os seguidores buscando aprender princípios de investimento e administração financeira que possam maximizar sua prosperidade material. O site da Universal publica diversos assuntos para empreendedores e trabalhadores com objetivo de capacitar as suas “ovelhas”, são textos como “Aprenda a se organizar e atinja suas metas pessoais e profissionais”<sup>12</sup>, “Quais os benefícios de uma boa gestão?”<sup>13</sup> e “Como as emoções interferem no trabalho”<sup>14</sup>. Além disso, oferece palestras como parte de sua programação. Um exemplo disso é o cartão veiculado nas redes sociais, que convoca os fiéis para a palestra “Fé e Finanças: Vida com Abundância Hoje e no Porvir”, onde fiéis poderão compreender o caminho para a realização do acordo com Deus, através do qual os que creem deverão prosperar” (Leite, p. 42). A igreja possui conta também com ministérios dedicados à vida financeira e profissional dos fiéis, como o ‘Culto dos 318’ na Igreja Universal.

---

<sup>12</sup> Disponível em: <https://www.universal.org/noticias/post/aprenda-a-se-organizar-e-atinga-suas-metas-pessoais-e-profissionais/> Acesso em: 02 fevereiro, 2025.

<sup>13</sup> Disponível em: <https://www.universal.org/noticias/post/quais-os-beneficios-de-uma-bo-gestao/> Acesso em: 02 fevereiro, 2025.

<sup>14</sup> Disponível em: <https://www.universal.org/noticias/post/como-as-emocoes-interferem-no-trabalho/> Acesso em: 02 fevereiro, 2025.

Se as dívidas fugiram do seu controle e, mesmo recorrendo às linhas de crédito, você vive no vermelho, é hora de dar uma virada em sua vida econômica. Participe da “Nação dos 318”, na Igreja Universal do Reino de Deus. Esta reunião acontece às segundas-feiras, e milhares de pessoas têm superado a crise financeira e testemunhado o sucesso econômico por meio do poder de Deus. Bispos e pastores, fundamentados nas Sagradas Escrituras, ensinam, a cada reunião, o segredo desta conquista. Se você deseja reerguer seus negócios, conquistar o emprego dos sonhos, montar sua empresa ou sair definitivamente do vermelho, venha fazer parte desta grande nação de vencedores<sup>15</sup>.

No entanto, a abordagem racional é frequentemente moldada pelos ensinamentos teológicos do movimento, onde a confiança em Deus como provedor supremo influencia as decisões financeiras. Além do mais, os fiéis são influenciados por uma cultura que valoriza a realização material como um sinal de favor divino e essa cultura muitas vezes promove uma mentalidade de pensamento positivo. A negatividade em relação aos aspectos financeiros é desencorajada. A consequência lógica é que a discussão ou reconhecimento de dificuldades financeiras estaria em desacordo com o comportamento aceitável pela igreja, levando os seguidores a evitarem esse assunto e a projetarem uma imagem de prosperidade e sucesso, mesmo que sua realidade seja diferente.

A disseminação da Teologia da Prosperidade internacionalmente trouxe consigo tanto seguidores fervorosos quanto críticos contundentes. Os defensores acreditam que Jesus libertou o homem “das maldições da miséria, da enfermidade, nesta vida, e da segunda morte, no além. Os homens, desde então, estão destinados à prosperidade, à saúde, à vitória, à felicidade” (Mariano, p.294). Assim, alguns veem as obras das igrejas neopentecostais como uma fonte de esperança e motivação. Burnett (2011, p.192) ajuda a compreender esse ponto.

Assim, ao construir consistência e assistência, a IURD cuidadosamente entrelaça espaços sociais e físicos, hábito e repetição, coerção e voluntarismo, naquilo que os membros sentem como uma roupa espiritual sem costuras. Enquanto é fácil para quem está de fora criticar tal maneira de pensar, nós podemos prestar atenção para as palavras de J. Lee Grady, que, ao escrever sobre a igreja africana, adverte os ocidentais a respeito de nossas “ilusões de controle sobre nosso próprio destino versus simplesmente sobreviver” e argumenta que “parece hipócrita para ocidentais que vivem em seus belos subúrbios, criticar aqueles que querem ‘prosperar’ [...] e estão começando a experimentar pela primeira vez as alegrias de possuir um carro,

---

<sup>15</sup> Disponível em: <https://iurdsacarlos.webnode.page/reunioes/>. Acesso em: 02 fevereiro, 2025.

ter um emprego decente ou se inscrever em uma faculdade. Nós realmente acreditamos que é errado da parte deles desejar estas coisas?

Contudo, “muitos líderes pentecostais veem tais crenças com maus olhos, tanto por razões teológicas quanto pelo fato de que a maioria de seus fiéis são escancaradamente pobres” (Mariano, p.254) e outros questionam seus potenciais impactos negativos ao desviar a atenção dos aspectos mais espirituais e éticos da religião, promovendo uma mentalidade de ganância e materialismos, tendo em vista que a religião deve promover valores como compaixão, solidariedade e justiça social, em vez de focar principalmente na busca por riqueza e sucesso material. Não é que antes os pentecostais acreditassem que a pobreza era um requisito para ser salvo, pois isso nunca foi um critério para ser redentor, a pobreza nunca foi uma virtude ou um pecado. Em vez disso, os cristãos, tanto evangélicos pentecostais quanto católicos, ansiavam por superar os males da vida no paraíso, pois viam este mundo como um lugar repleto de tormentos e sofrimentos. Dessa forma, a riqueza não tinha caráter para inferir superioridade espiritual e, muitas das vezes, era desencorajada. A racionalidade pré-neoliberal se dava no sentido da valorização do comportamento ascético, fundamento em trechos bíblicos como: “Não ajunteis tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem tudo consomem, e onde os ladrões minam e roubam” (Bíblia, 2005, Mt 6:19, p.1035). Além disso, há preocupações sobre a exploração financeira dos fiéis por parte de certos líderes religiosos associados à teologia da prosperidade que persuadem os seguidores para doarem grandes quantias em troca de promessas de bênçãos materiais. É o caso da Igreja Universal do Reino de Deus: “Todas as igrejas da IURD, no entanto, compartilham um foco comum: o bem-estar material de seus membros, que, em retorno, sustentam a igreja e seus pastores” (Burnett, 2011, p.180). Ademais, as igrejas que pregam a Teologia da Prosperidade disseminam a racionalidade neoliberal ao reforçar a ideia de que os fiéis são capital humano e, portanto, devem investir constantemente em si mesmos. Esse processo não apenas contribui para a reprodução da lógica mercadológica dentro do espaço religioso, mas também naturaliza a noção de que a salvação e o sucesso dependem de um aperfeiçoamento individual contínuo. Como aponta Burnett (2011, p.191), “este aspecto é crítico para o crescimento da igreja e não só em termos de puros números”, o que evidencia como essa lógica serve para formar consumidores da fé, moldando subjetividades de modo a alinhar crenças espirituais às exigências do mercado.



Esse sistema de mercado não é voltado somente a pedidos de doações. Além do incentivo à doação de parte dos seus recursos, mas, também, para a comercialização de produtos ditos sagrados com o objetivo de auxiliar o fiel na sua crença ou para solucionar enfermidades, problemas emocionais, transtornos psicológicos ou problema financeiro. Basta ver a semente de Valdomiro Santiago para curar a covid<sup>16</sup>, água benta do Rio Jordão, dentre outros produtos da imensa gama de mercadorias ofertada no mercado da fé. Ademais, os investimentos das igrejas em propagandas de televisão e programas de televisão, como o Show da Fé, do Missionário RR Soares, é um mecanismo para alcançar o imaginário das pessoas, nutrindo o anseio de alcançar um determinado *status* social.

Outro motivo que também leva as pessoas a ingressarem em igrejas neopentecostais, que adotam a teologia da prosperidade como doutrina, são os “discursos fundamentalistas, moralistas e de visão político-social ultraconservadora e de extrema direita, que passaram a povoar o imaginário como sendo a saída para os problemas sociais<sup>17</sup>”. A sensação de insegurança vivenciada pela maioria leva a desconfiança nas instituições e a percepção de abandono por parte do Estado. Diante desse cenário, a igreja neopentecostal, que promete resolver os desafios familiares, individuais e até mesmo questões estatais, aparece como uma alternativa convincente. Então, o uso da grande mídia, como a TV Record, pela Universal, com discursos direcionados a esses nichos de mercado, desempenha um papel crucial no aumento contínuo do número de seguidores.

Independentemente das opiniões, é inegável que a Teologia da Prosperidade tem influenciado profundamente as práticas financeiras e a visão de mundo de seus seguidores, abordando não apenas questões religiosas, mas também sociais e econômicas.

---

<sup>16</sup> Disponível em: [Valdomiro Santiago vende semente a R\\$ 1 mil prometendo falsa cura da covid](#). Acesso em: 02 fevereiro, 2025.

<sup>17</sup> Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/teologia-da-prosperidade-o-mercado-da-fe-e-a-fe-mercadologica/>. Acesso em: 02 fevereiro, 2025.

#### 4. CONCLUSÃO

A teologia da prosperidade “surge como uma resposta religiosa em uma sociedade neoliberal na qual muito é oferecido e pouco pode ser desfrutado, estabelecendo uma espécie de contrato comercial com o Criador” (Stinguel, 2020, p.77). Ela se espalhou rapidamente conquistando adeptos em muitas partes do mundo, principalmente no Brasil, e, ao que a análise desse TCC sugere, seus princípios caminham de mãos dadas com a racionalidade neoliberal. Este trabalho de conclusão de curso buscou contribuir com a discussão sobre como o neoliberalismo modificou as relações sociais no cenário evangélico. Dessa forma, a intersecção entre o neoliberalismo e a Teologia da Prosperidade revela um conjunto de afinidades que se manifestam em diversas esferas da vida social, econômica e religiosa criando um ambiente propício para a internalização de normas de conduta que reforçam a lógica da competição individual. A racionalidade neoliberal não fortalece a autonomia, mas reconfigura as relações sociais para que os indivíduos se percebam como capital humano, investidores de si mesmos. Nesse processo, a identidade das pessoas é moldada por valores que associam sucesso, realização pessoal e até mesmo salvação espiritual à capacidade de se destacar no mercado, obscurecendo as relações de exploração e coletividade.

As afinidades entre a neoliberalismo e a teologia da prosperidade revelam um alinhamento profundo e intrincado em termos de racionalidade, comportamento e valores disseminados em ambos os contextos. Ainda que, aparentemente, sejam de campos distintos, um político-estratégico (do capital) e outro religioso, ambas as esferas convergem em um ponto essencial: a centralidade (ideológica) do indivíduo como protagonista absoluto de sua trajetória material e espiritual, em que o sucesso ou salvação são interpretados como resultados diretos das escolhas, esforços pessoais e fé em Deus, atribuindo ao sujeito total responsabilidade pelo seu destino. Essa perspectiva permite analisar como os neopentecostais promovem uma visão divergente dos pentecostais tradicionais, pois “trata-se de um projeto empreendedor e adaptado aos princípios neoliberais, capaz de transformar o modo de evangelização e a prática religiosa dos fiéis” (Leite, 2019, p.42), disseminando a ideologia do indivíduo como agente autônomo responsável pela prosperidade e sucesso mediante negociação com o Criador.

Na sociedade neoliberal, o sujeito é incentivado a se ver como um empreendedor da sua própria vida, gerenciando suas habilidades, recursos e oportunidades como se fosse uma empresa, “esse empreendedor neoliberal pode ser encontrado também na ‘teologia da prosperidade’, um dos principais pilares da cosmovisão neopentecostal” (Dias; Romancini, 2022, p.151), transformando o crente em um empreendedor espiritual, uma vez que é ensinado a ele o investimento na fé. A ação individual é fundamental para alcançar a prosperidade material e a sua salvação espiritual. Por isso, os fiéis são encorajados a investir em sua espiritualidade, por meio de práticas como o dízimo, a oração e a participação em cultos, e a cultivar sua relação com Deus como se fosse um ativo rentável que gera retornos tangíveis. A fé e a doação funcionam como investimentos que podem render dividendos espirituais e materiais. Além disso, os líderes neopentecostais que promovem essa teologia utilizam uma linguagem que ressoa com a mentalidade empreendedora, incentivando os fiéis a “plantar sementes” de fé e aguardar por colheitas abundantes, reforçando ainda mais a ideia de que o esforço pessoal e a fé são fundamentais para alcançar a prosperidade. Portanto, há mudanças provocadas pelo mercado nas Igrejas neopentecostais, conforme demonstradas por Mariano (2003, p.112)

destacam-se a adoção de modelos de gestão de cunho empresarial, a centralização da gestão administrativa e financeira, a concentração do poder eclesiástico, a profissionalização dos quadros ministeriais, o uso de estratégias de marketing e de métodos heterodoxos de arrecadação, a fixação de metas de produtividade para pastores e bispos, a minimização e o abandono de práticas ascéticas e sectárias, a adaptação dos serviços mágico-religiosos aos interesses materiais e ideais dos fiéis e virtuais adeptos.

Dessa forma, há uma transformação da espiritualidade em um projeto de autoaperfeiçoamento, no qual a responsabilidade pela própria condição financeira e emocional recai sobre o indivíduo, reforçando a ideia de que o sucesso nessa vida é fruto do esforço pessoal e da fé em Deus. Assim como o neoliberalismo desconsidera as estruturas sociais e econômicas sob a ideia de que cada um é responsável por seu próprio sucesso, a mensagem de que a prosperidade é um reflexo da fé se torna uma narrativa poderosa que legitima a desigualdade e desvia atenção das questões estruturais que afetam a vida das pessoas, pois a pobreza é percebida como ausência de fé ou como resultado de influência demoníaca. Ademais, essa ênfase na responsabilidade individual cria um ambiente de competição entre os fiéis, pois

aqueles que parecem ter mais riqueza material, saúde ou sucesso em sua área são vistos como mais abençoados ou merecedores do que aqueles que lutam.

A noção do consumo como forma de expressão de identidade também é observada nos ensinamentos das igrejas neopentecostais, pois “a Teologia da Prosperidade realiza uma inversão de valores, reinterpretando e ajustando os ensinamentos bíblicos para a adequação à sociedade de consumo imediato” (Gallo, 2010, p.25). Do mesmo modo que o neoliberalismo concebe o consumo como uma ferramenta de construção e validação da identidade individual, a teologia da prosperidade explora essa ideia, tornando a aquisição de bens materiais e o acesso a um estilo de vida confortável em evidências tangíveis da aprovação divina e sucesso espiritual, promovendo “uma religião que não é apenas adaptada, mas sim visceralmente formatada à sociedade de consumo” (Stinguel, 2020, p.28). Consequentemente, para o fiel, o consumo não é apenas um ato de satisfação pessoal, mas um testemunho público de sua fé e de sua capacidade de atrair as bênçãos de Deus, assim, os seguidores são incentivados a consumir produtos e serviços que reforcem sua identidade como pessoas abençoadas e prósperas, criando um ciclo em que a fé e o consumo se alimentam mutuamente. Por causa do resultado dessa relação entre consumo e identidade, o indivíduo sempre estará em busca de validação externa, seja por parte do mercado ou da comunidade religiosa, estabelecendo a aquisição de bens e serviços como um padrão de comparação que pode levar à frustração e à insatisfação, uma vez que a realização pessoal e a salvação espiritual são frequentemente medidas pela capacidade de acumular riqueza e *status*.

Outro ponto de convergência significativa que permeia tanto o neoliberalismo quanto a teologia da prosperidade é o conceito de meritocracia, pois ambos se baseiam na premissa de que o sucesso é resultado exclusivo do esforço e da competência pessoal transferindo ao indivíduo toda a responsabilidade por seu desempenho e posição social. Sobretudo no neoliberalismo, a meritocracia funciona como um instrumento ideológico que sustenta a racionalidade econômica e organiza a vida social, pois a ideia de que todos possuem as mesmas condições para prosperar cria uma ilusão de igualdade de oportunidades que oculta as barreiras impostas por fatores como classe, raça, gênero e acesso a recursos fundamentais como educação e saúde, levando à naturalização das desigualdades

Para os teólogos da prosperidade, a pobreza não é decorrente de causas socioeconômicas, mas na verdade é oriunda da falta de fé, ou pior, é sinal de que o “Devorador” está “amarrando” a vida econômica do fiel. De maneira paradigmática, Edir Macedo afirma: “— Sua vida não depende do governo, do patrão, da economia, de nada. Você é livre para conquistar. [...] Eu venci porque tomei uma atitude, eu coloquei minha fé em prática. (Stinguel, 2020, p.77).

De maneira similar, a teologia da prosperidade reforça uma versão espiritualizada da meritocracia. Ao seguir os ensinamentos da Bíblia e participar ativamente da vida da igreja, o fiel é encorajado a acreditar que suas bênçãos materiais e espirituais são diretamente proporcionais a sua fé, obediência e esforço. Nesse contexto, a prosperidade financeira é apresentada como um sinal de aprovação divina, enquanto a adversidade é interpretada como falta de fé ou a presença do demônio na vida da pessoa. Conseqüentemente, transfere a total responsabilidade pela prosperidade para o indivíduo e cria uma relação transacional com a espiritualidade, na qual Deus é como um parceiro de negócios, cujo principal ativo a ser investido é a fé, que retribui de acordo com o desempenho do fiel.

A Teologia da Prosperidade e o neoliberalismo compartilham afinidades ideológicas que os posicionam no espectro da direita, especialmente pela ênfase no individualismo, na responsabilidade pessoal e na meritocracia como princípios centrais de organização social. Conforme exposto, ambos deslocam questões estruturais para o âmbito individual, responsabilizando as pessoas por seu sucesso ou fracasso, ignorando as condições sociais e materiais em que estão inseridas. Além disso, tanto o neoliberalismo quanto a Teologia da Prosperidade se aliam a valores conservadores, especialmente em torno da centralidade da família e da moralidade tradicional.

Normas de condutas, em ambos os casos, são profundamente internalizados, transformando subjetividades voltadas para a autogestão, atitude positiva e para a busca incessante por autossuperação. Vemos isso no neoliberalismo quando o indivíduo é compelido a se reinventar continuamente, a “maximizar seu valor de mercado” e a demonstrar eficiência em todas as áreas da vida, envolvendo tanto o consumo de bens e serviços que promovem o aprimoramento pessoal quanto a adoção de comportamentos que sinalizam competência e adaptabilidade. Igualmente,

na teologia da prosperidade o adepto é incentivado a manter uma vida de retidão, caracterizada por práticas como a frequência religiosa, atitude positiva, disciplina na oferta de dízimos e o testemunho de sua fé, características essenciais para alcançar a prosperidade, criando um ciclo em que a fé e o esforço pessoal se alimentam mutuamente. Isto é, a ideia de que “Deus ajuda aqueles que se ajudam” se torna um mantra que reforça a necessidade de ação individual, levando os fiéis a acreditarem que sua condição financeira é um reflexo direto de sua fé e esforço. Em ambos os casos, a performance individual cria um ciclo de pressão constante que o sucesso nunca é definitivo e a satisfação pessoal é sempre adiada para o próximo objetivo alcançado. Como resultado, há uma profunda busca de aprovação externa, seja uma aprovação do mercado, no caso do neoliberalismo, que reconhece ou rejeita os indivíduos com base em sua produtividade, capacidade de consumo e *status* social, ou uma aprovação que vem da comunidade evangélica, no caso dos neopentecostais, que considera prova da graça de Deus as conquistas materiais dos fiéis. Por fim, essa simetria entre a racionalidade neoliberal e a teologia da prosperidade revela um alinhamento ideológico que reforça a individualização dos problemas sociais e a naturalização das desigualdades, justificando a competitividade e a crença que a prosperidade é um reflexo da virtude espiritual, promovendo a transformação da vida em um empreendimento contínuo, e o sucesso, seja ele material ou espiritual, é tratado como a única medida válida de realização pessoal.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Rogaciano. **A teologia da prosperidade**: e uma "proposta" bíblica. São Paulo: Independently Published, 2023.
- ANDRADE, Daniel. O que é o neoliberalismo? A renovação do debate nas ciências sociais. **Revista Sociedade e Estado**, v. 34, n° 1, p. 211-239, 2019.
- ANDRADE, Paulo Cesar Ribeiro de. Londrina, 11 de dezembro de 2009. Entrevista concedida a Fernanda Vendramini Gallo.
- BERNARDELLI, Luan; MICHELLON, Ednaldo. **O Impacto da Religião no Crescimento Econômico**: Uma Análise Empírica para o Brasil em 1991, 2000 e 2010. São Paulo: USP, 2018.
- BIBLIA. **Bíblia Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 2005.
- BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo**: a ascensão da política antidemocrática no ocidente. São Paulo: Bartira Gráfica e Editora, 2019.
- BURNETT, Virginia. **A vida abundante**: a teologia da prosperidade na América Latina. Curitiba: Editora UFPR, 2011.
- COOPER, Melinda. **Valores familiares do neoliberalismo**: bem-estar social, capital humano e parentesco. Recife: Editora Seriguêla, 2021.
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. Rio de Janeiro: Boitempo Editorial, 2016.
- DIAS, Emily; ROMANCINI, Richard. **Teologia da prosperidade 2.0**: neoliberalismo, religião e comunicação digital no Dunamis Movement. São Paulo: Líbero, 2022.
- FIGUEIRA, Mara. O Brasil para Cristo. **Revista Sociologia ciência e vida**, v.1, n.7, 2007.
- GABATZ, Celso. A importância do dinheiro nas práticas religiosas das denominações neopentecostais: uma análise a partir da teologia da prosperidade. **Revista Ciências da Religião – História e Sociedade**, v. 10, p. 94 – 118. Fev. de 2012.
- GALLO, Fernanda. **A teologia da prosperidade na Igreja Universal do Reino de Deus**. Londrina: Grupo de Estudo de política da América Latina, 2010.
- GASPAR, Dowyvan. **É dando que se recebe**: A Igreja Universal do Reino de Deus e o negócio da fé em Moçambique. Salvador: UFBA, 2006.
- LEITE, Luzia. **O plano de poder da igreja universal do reino de deus**: Estratégias territoriais da expansão neopentecostal no Brasil. Salvador: UFBA, 2019.

MACEDO, Edir. **Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios.** Rio de Janeiro: Gráfica Universal, 1990.

MACEDO, Edir. **A Libertação da Teologia.** Rio de Janeiro: Universal, 1997.

MACEDO, Edir. **Vida com Abundância.** Rio de Janeiro: Universal, 2000.

MACEDO, Edir. **O Perfeito Sacrifício: O significado espiritual dos dízimos e ofertas.** Rio de Janeiro: Universal, 2001.

MARIANO, Ricardo. **Os Neopentecostais Estão Mudando.** Dissertação de Mestrado. FFLCH – USP, São Paulo, mimeo, 1995.

MARIANO, Ricardo. Os Neopentecostais e a Teologia da Prosperidade. **Novos Estudos CEBRAP**, nº 44 pp.24-44. São Paulo, 1996.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil.** São Paulo: Edições Loyola, 5.ed, 1999.

MARIANO, Ricardo. Efeitos da secularização do Estado, do pluralismo e do mercado religiosos sobre as igrejas pentecostais. **Civitas**, Porto Alegre, v.3, n.1, 2003.

PEREIRA, Juliana. **A indústria da fé: o mercado de produtos sob marcas para evangélicos no Brasil.** Salvador: UFBA, 2008.

PIERRAT, Alan. **O evangelho da prosperidade.** Tradução de: Robinson Malkones. São Paulo: Vida Nova, 1993.

QUEIROZ, Christina. O crescimento da fé evangélica. **Revista Pesquisa FAPESP**, São Paulo, Edição 286. Dez, 2019. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/fe-publica>. Acesso em: 12 janeiro, 2025.

ROMEIRO, Paulo. **Decepcionados com a graça: esperanças e frustrações no Brasil neopentecostal.** São Paulo: Mundo Cristão, 2005.

ROMEIRO, Paulo. **Evangélicos em crise: Decadência doutrinária na igreja brasileira.** São Paulo: Mundo Cristão, 1995.

ROMEIRO, Paulo. **Evangélicos em crise: decadência doutrinária na igreja brasileira.** São Paulo: Mundo Cristão, 1999.

ROMEIRO, Paulo. **Super Crentes: o evangelho segundo Kenneth Hagin, Valnice Milhomens e os profetas da prosperidade.** São Paulo: Editora Mundo Cristão, 1993.

SILVA, Hudson; VIANA, Ana. Meritocracia neoliberal e capitalismo financeiro: implicações para a proteção social e a saúde. **Revista Ciência Coletiva**, v. 23, p. 2107-2018, 2018.



SOARES, R.R. **As bênçãos que enriquecem**. Rio de Janeiro: Graça Editorial, 1985.

STINGUEL, Doney. **Teologia da Prosperidade**: contribuição à crítica da religião neoliberal. Vitória: UFES, 2020.

UHR, Daniel; PAULA, Sílvio; SANTOS, Marcus; VIEIRA, Luciane; UHR, Júlia. A ética protestante e o espírito do capitalismo: preferências quanto ao mercado de trabalho, empreendedorismo e a estrutura familiar no Brasil. **Economia Aplicada**, v.25, n.3, 2021.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo: editora Schwarcz Ltda, 2007.